

Apresentação

A proposta deste dossier, aprovada pelo conselho editorial da revista *Tempo* reflete, basicamente, uma crescente aproximação entre história e antropologia, que se concretiza menos em empréstimos teóricos, mas antes em novas formas de formular os problemas que constituem a matéria básica do trabalho do historiador.

De uma maneira geral, procurei reunir artigos que traduzissem resultados de pesquisas que vem pensando os processos de identificação coletiva como problema histórico. Não são artigos sobre índios, africanos, posseiros, kanaks ou congadeiros, mas sobre as condições de constituição histórica destas identidades. A questão perpassa todos os artigos aqui reunidos, no que pese as diferenças de abordagens, mais políticas em alguns artigos, mais culturalistas, em outros.

Em três dos artigos, a invenção da tradição kanak na Nova Caledônia (Alban Bensa), a etnogênese dos índios aldeados no Rio de Janeiro colonial (Maria Regina Celestino de Almeida) ou a sóciogênese dos posseiros na Baixada Fluminense (Mário Grynspan) são pensadas como processos políticos que operam, entretanto e necessariamente, com configurações culturais.

Em dois outros (J. R. Russell-Wood e Elizabeth Kiddy), a gramática cultural profunda da África subsaariana e do catolicismo africano, respectivamente, são tomados como elementos essenciais para o entendimento dos processos de identificação coletiva em que se inseriram os milhões de escravos trazidos da África para o Brasil e muitos de seus descendentes. Matrizes culturais profundas para processos de identificação regidos, entretanto, por relações políticas cambiantes e, por isto, necessariamente dinâmicos e internamente diferenciados.

Neste sentido, parece-me que, tomada de uma perspectiva histórica — necessariamente dinâmica e particular —, a rigidez da oposição entre abordagens políticas ou culturalistas, comum à antropologia, sem chegar a dissolver-se, atenua-se. Mais ancorada em um polo ou outro, a reflexão historiográfica necessariamente combina cultura e política para apreender os processos de identificação coletiva na história.

Hebe Maria Mattos